



**«QUANTO MAIS BARATOS
FOREM OS PRODUTOS,
MENOR A SUA QUALIDADE»**

Falámos com Jaime Ferreira, presidente da Agrobio – Associação Portuguesa de Agricultura Biológica, sobre o papel que este modo de produção assume na actualidade e que tendências se impõem para o futuro.

Ana Gomes Oliveira

A Agrobio reuniu em Fevereiro com a então ministra da Agricultura, Maria do Céu Antunes, após o anúncio de cortes nos apoios à agricultura biológica. O que aconteceu?

No nosso entendimento, esta questão começa com um erro ligado à programação do próprio PEPAC (Plano Estratégico da Política Agrícola Comum), porque a proposta portuguesa já estava errada no âmbito da agricultura biológica. Por exemplo, partia-se de uma base de 9% de Superfície Agrícola Útil em modo de produção biológico quando nessa altura Portugal já estava com 18%. Ou seja, os dados estavam todos desactualizados e fizemos questão de alertar o Governo para esse facto no período de consulta pública, no final de 2021. Dissemos que a base de cálculo não estava correcta, mas ninguém nos deu resposta. Apontavam uma meta para que Portugal atingisse os 19% de SAU em 2027 o que, no fundo, e tendo em conta os dados dos 18%, representava um aumento de apenas 1% em vários anos. Era impensável. Aliás, estes 18% de SAU eram números do próprio Ministério da Agricultura. Estavam publicados no site do Observatório da Agricultura Biológica. Esta diferença de informação fez com que nada batesse certo dali para a frente e que houvesse o erro na programação.

Que leitura faz deste acontecimento?

Acho estranho que o próprio Ministério da Agricultura não tivesse analisado a informação que já estava publicada no



Observatório, que é um site da tutela. Chegados a este ponto, havia obviamente muito mais operadores do que estava programado. As candidaturas foram entregues no final de Julho, portanto, o Governo já tinha uma ideia de que o universo era diferente daquele que estava nos papéis. Mas isto não é novo. Já em 2015, no quadro anterior, abriu-se uma

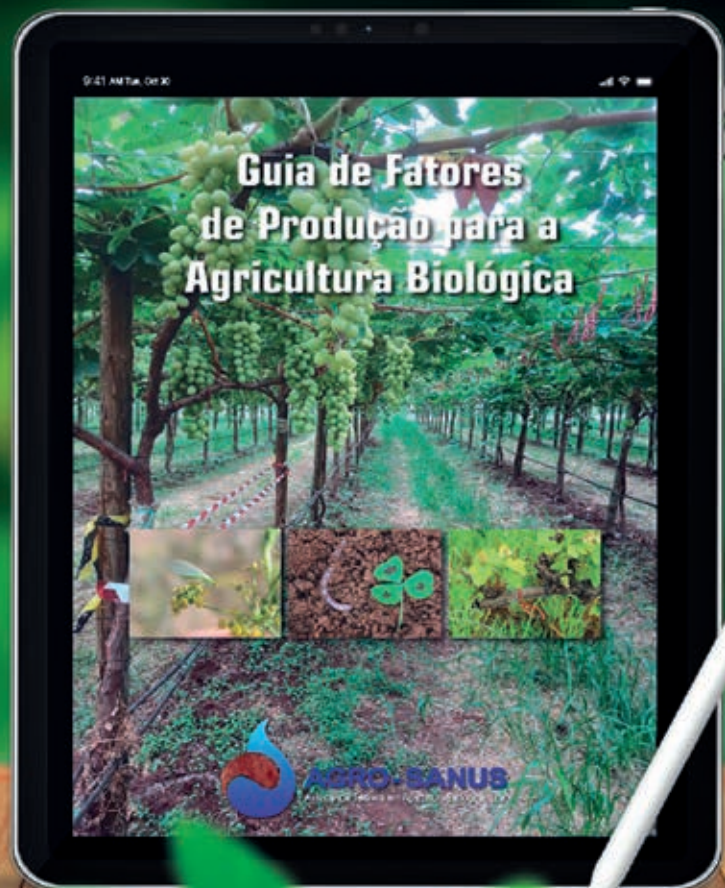


NOVA EDIÇÃO

já disponível

Formato digital ou papel

WWW.AGROSANUS.PT



medida no âmbito das pastagens para a qual bastava que as pastagens fossem biológicas, os animais nem precisavam de ser. A abrangência da medida foi tal que também correu mal. Parece haver sempre um desfazamento com a realidade, que não sei se é deliberado, e que tem prejudicado claramente o sector. Os agricultores querem ter alguma segurança, e a questão dos subsídios, dos apoios, das ajudas, continua a ser muito importante. A agricultura biológica continua a não ser uma aposta nas políticas públicas.

Face a este erro de programação, o que vão fazer?

Os pagamentos foram repostos e comprometemo-nos com os agricultores biológicos a ‘lutar’ pela reprogramação financeira do PEPAC, de forma a acomodar todos os candidatos à agricultura biológica. E agora vamos entrar aqui na discussão de medidas agroambientais versus medidas de ecogegimes. Pensámos muito sobre isto e concluímos que seria melhor entrar nos ecogegimes. Uma das razões prende-se com o facto das agroambientais serem cofinanciadas, dependendo do Orçamento do Estado, que como se sabe é instável. Por outro lado, nos ecogegimes há um orçamento (em termos gerais a verba até pode ser menor), mas que abre todos os anos, ou seja, todos os anos podem candidatar-se novos agricultores. E isso é muito importante, os novos agricultores terem algum incentivo, mesmo que seja menos dinheiro. É isso que queremos debater com o novo Governo. Porque para este ano está resolvido, mas e para os próximos?

Até porque como já referiu, há um incremento de candidaturas. Há ideia do crescimento da área de produção em modo biológico em Portugal?

Os últimos dados apontavam para uma área de 20%, portanto, acredito que no final deste ano possamos estar nos 21%. Agora, não estou certo que seja assim tão linear, porque estes cortes tiveram os seus impactos. Os agricultores não sentem segurança... ainda não lhes foi transmitido que vão continuar a receber apoios e que podem acreditar na

Agricultura Biológica em Portugal

	2022	2023
Produtores agrícolas	13.573	18.034
Preparadores	1.358	1.451
Distribuidores	510	549
Importadores	66	69

Área (ha)	2022	2024
Biológica	268.973	504.769
Em Conversão	491.004	745.781
TOTAL	759.977	1.250.550

Fonte: Observatório Nacional da Agricultura Biológica



agricultura biológica. Vamos ver como é que o PEPAC é reprogramado.

Vivemos uma realidade muito diferente da de outros países?

Há uma diferença de base, que é desde logo as expectativas que cada Estado tem da agricultura biológica. Na Áustria, por exemplo, que já está nos 30% de SAU em bio, o Governo há muitos anos que apostou nos produtos de alta qualidade, há mais de 20 anos. Nestes países, há uma maior confiança quanto aos apoios que vão ser dados à actividade, atraindo mais agricultores. Em países onde há dúvidas, onde a aposta não é suficientemente clara, onde até parece que é um bocado forçada, como é o caso aqui em Portugal, é mais difícil. Podemos contestar os apoios da União Europeia, mas o que seria da nossa agricultura se não estivéssemos na UE? No caso da agricultura biológica, acredito que se não fosse a vontade, a imposição do Green Deal e de outras medidas, estávamos muito mais atrás.

E para onde caminhamos?

Para uma agricultura que responda a dois desafios muito importantes: colocar alimentos na mesa dos consumidores e em respeito pelo ambiente. E o Governo tem tido sempre uma abordagem pessimista e pouco progressista. Não tenhamos ilusões, Portugal não tem condições para a soberania alimentar em determinado tipo de produtos. Defendemos antes a produção de alta qualidade, valorizando os produtos, podendo até exportá-los; e depois vamos comprar aquilo que não

conseguimos produzir. É melhor do que andarmos a insistir, a gastar mais recursos, em culturas onde sabemos que nunca seremos competitivos, onde haverá sempre mais barato noutra país. Por outro lado, e tendo em conta que a agricultura produz alimentos para os consumidores, por que razão estes nunca são envolvidos nos debates do sector?

Como olha para a questão dos preços dos produtos biológicos?

Todos os agricultores deviam lutar por preços mais justos. O preço que temos é demasiado baixo ao consumidor, levando a que este não valorize os alimentos. As pessoas são capazes de pagar mil euros por um telemóvel, mas discutem o preço do alimento. Quanto mais baratos forem os produtos, menor a sua qualidade. É esta a mensagem que tem de ser comunicada aos consumidores. E se essa qualidade também for transmitida, penso que as pessoas estão dispostas a pagar mais.

Na verdade, fala-se de um consumidor cada vez mais atento às questões ligadas à origem dos produtos e ao seu impacto no ambiente.

Verdade. Há uma maior preocupação dos consumidores, mas devíamos olhar para os próprios agricultores que estão diariamente expostos nos campos. Deviam ser feitos rastreios para se perceberem os impactos das suas operações na saúde, bem como às populações que estão nessas zonas onde há

Área por tipo de cultura (2019)

Prados e pastagens permanentes	439.636	58,68%
Outras culturas temporárias	135.768	18,12%
Olival e frutos secos de sequeiro	107.812	14,39%
Horticultura	22.836	3,05%
Olival e frutos secos de regadio	20.893	2,79%
Vinha	8.294	1,11%
Outras culturas temporárias Primavera/Verão regadio	5.083	0,68%
Frutos frescos de regadio	4.945	0,66%
Frutos frescos de sequeiro	3.381	0,45%
Arroz	593	0,08%

uma agricultura mais intensiva, onde são feitas pulverizações com pesticidas, etc.

A iliteracia agrícola ainda é um problema?

Penso que sim, que ainda há muito trabalho a fazer. Muitas crianças continuam sem saber de onde vêm os alimentos. Os municípios, que têm à sua responsabilidade a alimentação escolar, o que têm feito, por exemplo, para integrar os produtos agrícolas da região? É uma decisão que ajudava nessa



RESISTENTE? EVIDENTEMENTE.

Com soluFamily garante um crescimento ideal das suas culturas e dessa forma assegura rendimentos a longo prazo.

soluFAMILY

DEIBA Representante de K+S Minerals and Agriculture GmbH
Adubos Deiba - Comercialização de Adubos, Lda.
Tel.: +351 265 709 660 · sac.adubosdeiba@dfgrupo.com

K+S Minerals and Agriculture GmbH
A K+S Company

www.kpluss.com · f y t K+S Agrar



K+S



iliteracia e apoiava os produtores locais. Esta é uma questão de competitividade, de comercialização, porque as escolas seriam mais um ponto de venda. Isso já é feito noutros países. É sempre importante ter mais canais de escoamento.

Como evoluiu o consumo deste tipo de produtos?

Não temos esses números, mas há a percepção de que as pessoas se abastecem bastante nos hipermercados; continuam a ir aos mercados; mas as compras nas lojas da especialidade baixaram. É uma realidade não só verificada em Portugal, mas transversal a outros países da Europa e mesmo nos Estados Unidos.

O que perspectiva para o futuro da agricultura biológica?

A minha perspectiva futura é optimista. Na minha opinião, a agricultura será sempre valorizada e será sempre tida como uma actividade crucial, porque vamos ter de alimentar-nos. Provavelmente, os apoios irão reduzir e poderão ser mais ligados à produção. Haverá depois apoios ligados ao ambiente e de ordem social. Estes últimos relacionados com a agricultura de subsistência, importantes para a coesão territorial. No fundo, tem a ver com todo o espectro de agricultores que existem, numa visão mais sustentável. Provavelmente vamos ter menos dinheiro directo da agricultura e teremos de diversificar os apoios. O ambiente pode ser claramente um aliado. Para já, terá de haver mudanças e a agricultura tem de ser pensada a 20 anos, pois estamos a falar de uma actividade sempre a médio e longo prazo. ●

Produtos Fitofarmacêuticos para produção biológica
Quantidade de Produtos autorizados por ano

